

Competencies for Online Teaching

Hermelina Pastor Romiszowski

Spector, M e La Teja, Ileana. *Competencies For Online Teaching*. In Eric Digest, ERIC Clearinghouse on Information & Technology at Syracuse University, 2001 (www.ericit.org).

O artigo "Competencies for Online Teaching" foi escolhido para esta revisão porque:

Os autores: Spector e la Teja têm desenvolvido trabalhos teóricos e práticos sobre qualificação de profissionais para o ensino online, nos EEUU, Canadá, Noruega, Portugal e Brasil, mais recentemente. E também sugerem endereços de sites relacionados ao tema.

O conteúdo: Competência é assunto de fundamental importância para qualquer trabalho educativo. Em se tratando de ensino-aprendizagem online, assume uma importância maior, porque, sendo a Internet uma tecnologia relativamente nova e com características bem específicas, requer uma leitura crítica mais cuidadosa. Uma discussão sobre competências para o ensino online pode chamar a atenção dos educadores para a necessidade de não só entender a tecnologia, mas também as demandas que seu uso impõe à criação, desenvolvimento, gerenciamento e avaliação de cursos online.

Spector e la Teja iniciam o texto mencionando a grande importância das novas tecnologias de informação e comunicação para a sociedade atual e a consequente influência disso para o processo ensino/aprendizagem. Reflexões sobre as mudanças facilitam a exploração do que é importante para o desenvolvimento de competências específicas, ajudando o professor a aproveitar o potencial da Internet para a aprendizagem dos alunos e a sua própria.

Os autores se reportam ao conceito de competência adotado pelo IBSTPI (International Board of Standards for Training, Performance and Instruction - www.ibstpi.org), grupo de pesquisa e desenvolvimento do qual são membros ativos. Enfatizam que competência envolve uma série de conhecimentos, habilidades e atitudes relacionadas, que ajudam o profissional a desempenhar bem as atividades de uma determinada função, de acordo com os padrões esperados.

Mencionam que, em geral, sabe-se muito bem o que é competência, até mesmo quando não é claramente definida. Mas o mesmo não acontece em relação à competência para o ensino online, porque envolve aspectos ainda não totalmente conhecidos, bem menos estabelecidos. E que existem várias maneiras de se validar a competência que uma pessoa demonstra para algo e o processo de certificação é uma prática relativamente comum na maior parte dos países. Mas, como competência tem sido sempre relacionada a atividades profissionais já consagradas, nem sempre se aplica a atividades que envolvem circunstâncias, procedimentos e resultados incertos - com é o caso do ensino online. Daí a importância de se identificar, no próprio ambiente online, as competências que lhe são pertinentes.

Os autores apresentam no texto, uma tabela comparando atividades do ensino online e do convencional, ressaltando que o ensino online é aplicável tanto à sala de aula convencional quanto ao ambiente virtual, mas que a interação e os novos enfoques para aprendizagem e ensino, variam em cada caso. Mencionam a

variedade de atividades disponíveis em ambientes online e as múltiplas condições de tempo em que ocorrem, chamando a atenção para o fato de que as demandas que a tecnologia traz para os professores online são bem maiores do que as associadas ao professor de sala de aula tradicional.

Spector e la Teja lembram que muito do que se tem publicado sobre o ensino online focaliza as habilidades técnicas e os requisitos para uma bem sucedida moderação e facilitação de discussões e sessões de chat. A literatura na área sugere que vir a ser um efetivo moderador online requer treinamento e domínio de competências que são específicas dos ambientes online.

Nas discussões online assíncronas, as competências do moderador envolvem:

1. permitir aos alunos tempo para reflexão;
2. manter as discussões vivas e num ritmo produtivo;
3. arquivar e organizar as discussões para serem usadas posteriormente.

Nas discussões online síncronas, como chat, o moderador deveria:

1. estabelecer regras básicas para a discussão;
2. animar/estimular as interações com mínima intervenção;
3. perceber como as mensagens dos textos parecem ao aluno distante;
4. estar atento às diferenças culturais.

Lembram que animar discussões e ser sensível às diferenças culturais, são aspectos que se aplicam a qualquer tipo de ensino, mas no caso do ambiente online, a maneira pela qual um professor demonstra tal competência é diferente. Além das competências normais, são necessárias competências adicionais, mais voltadas aos novos papéis e circunstâncias tais como:

1. o mundo dos negócios e da indústria estão na vanguarda do treinamento técnico e desenvolvimento profissional de cursos oferecidos em ambientes online;
2. alguns dos interesses em ensino online são o resultado de cursos educacionalmente mal organizados, com insuficiente preparação de facilitadores online;
3. a tecnologia claramente oferece o potencial para se criar e implementar ambientes de aprendizagem, mas também oferece desafios; nossa capacidade para um uso efetivo desta tecnologia enfrenta sérias dificuldades como inadequada preparação de professores e alunos, insuficiência de designers instrucionais e de pessoal de suporte devidamente treinados.

Concluem lembrando que o desenvolvimento de competências online, deveria ser associado ao desenvolvimento de treinamento e possível certificação de professores, mesmo com todos os desafios que isto possa trazer. A constante transformação das tecnologias de informação e comunicação fazem o desenvolvimento de competências para professores online um processo dinâmico, com preparação e atualização constantes.

Discussão

Muitos dos pontos levantados por Spector e la Teja são relevantes a qualquer experiência de ensino online. Mas, é importante considerar que estes autores,

como profissionais da América do Norte, abordam o assunto a partir da realidade de lá.

O Brasil vive hoje uma situação curiosa. Embora estejamos abertos à tecnologia de Internet e tenhamos um número considerável de cursos online em execução, tanto no ensino formal como no não formal, a competência para o ensino online é assunto ainda pouco discutido. Há muita propaganda e poucos resultados educacionais, talvez pela ainda maior preocupação com a tecnologia do que com os objetivos educacionais a que ela deve servir.

Um ponto destacado por Spector e la Teja e que vale considerar um pouco mais é o de que planejar e desenvolver cursos online não é o mesmo que planejar e desenvolver cursos face a face. Não se trata de que um é melhor ou pior que o outro; trata-se de que são diferentes e como tal, requerem práticas pedagógicas diferentes. Há demandas decorrentes disso e os professores precisam estar atentos a elas, ter abertura para lidar com as diferenças e, principalmente, entender que muitas das novas práticas pedagógicas tendem a se consolidar nos próprios ambientes online. Este fato poderia, em princípio, parecer negativo, mas considerando a atual realidade de novos paradigmas educacionais, é altamente positivo; mas envolve a necessidade de critérios específicos para que a identificação propicie o real desenvolvimento das estratégias apropriadas.

Aspectos do ensino online tais como interatividade e participação, feedback imediato, gerenciamento do volume de trabalho, moderação e facilitação, requerem trabalho constante do professor. A interatividade, por exemplo, é muito facilitada pelo potencial da Internet, mas exige, em contrapartida, uma exploração competente. O potencial da tecnologia cria a situação na qual é o usuário e não o professor/designer instrucional quem controla o uso da tecnologia. Este tipo de controle representa uma conquista para a aprendizagem humana, mas, traz implicações para planejadores e desenvolvedores, que precisam tirar vantagem pedagógica disso. É fácil adicionar interatividade às experiências, mas não tão fácil fazê-la funcionar. Alguns desenvolvedores insistem em propagar que, ao criarem uma boa plataforma tecnológica já resolveram a questão da facilitação da aprendizagem do aluno, estão fazendo educação à distância de ponta e outras coisas do gênero. A aprendizagem é um processo complexo demais para ser resolvido com tal simplicidade e rapidez, por mais sofisticada que seja a tecnologia.

Em relação ao papel do designer instrucional no processo de ensino online, Spector e la Teja, chamam a atenção para o que a função representa, e não se é o professor ou outro profissional quem desempenha as atividades pertinentes - que podem variar de contexto para contexto. Mencionam o número insuficiente do profissional de design instrucional na realidade americana de hoje; mas, na situação brasileira pode ser ainda mais preocupante porque a própria formação/atuação do designer instrucional é confundida com a do webdesigner e até do pedagogo, embora estes dois ou qualquer outro profissional possa exercer a função - desde que devidamente preparados.

Vale considerar ainda, que existe certo tipo de propaganda enganosa sobre a atividade, afirmando-se que o design instrucional é uma atividade nova, surgida, especialmente, pela necessidade de se transformar cursos convencionais em cursos WEB. "Instructional Design", geralmente se traduz como planejamento instrucional ou de ensino, e vem sendo há muito tempo praticado no Brasil, especialmente por profissionais da área de tecnologia educacional e educação a

distância. Agora, porque passou-se a usar o termo em inglês, muitos o estão considerando como uma atividade totalmente nova e especialmente voltada para a Internet. O IBSTPI, por exemplo, atua na área desde o final dos anos 70.

Não se pode negar que a Internet vem desafiando o design instrucional tradicional e isto é um fator muito positivo. Na era de mudanças de novos paradigmas educacionais, o design instrucional tem que ser compatível. Mas tal fato não desmerece o que já foi conquistado há mais de meio século em termos da teoria do design instrucional e seus princípios científicos quanto a métodos de ensino, características do aluno, ambientes de aprendizagem, resultados educacionais, por exemplo. [Um texto do IBSTPI](#) por nós traduzido a pedido do grupo, dá uma idéia da abrangência da profissão. E principalmente, facilita o entendimento da referência de Spector e la Teja às competências do designer instrucional, ao tratarem de competências para o ensino online. Em adição, estes autores estão desenvolvendo um trabalho de pesquisa, especificamente sobre as competências do professor (sala de aula e online). Como parte do estudo foi criado um questionário para determinar até que ponto as competências consideradas, refletem as habilidades mais críticas dos professores e treinadores em ambos os contextos. A intenção é captar as práticas de ensino e perspectivas de todos os setores (acadêmico, corporativo, governamental, de serviço público). Os brasileiros interessados na pesquisa podem analisar, criticamente, e responder ao questionário de validação, disponibilizado no endereço <http://cstl.syr.edu/ibstpi>. Quem preferir, pode fazer o download da versão PDF do questionário e encontrar as competências do professor, sendo consideradas. O material é em inglês e ainda em fase de desenvolvimento, mas, após a finalização da lista e a aprovação do estudo pelo IBSTPI, vamos traduzir o documento para o português, nos moldes do que foi feito com as competências do designer instrucional.

Outro tipo de preocupação entre os educadores é sobre se o professor online é mais um moderador, facilitador ou animador. Isto pode ser uma questão mais voltada para as atividades que desempenha, que são diferentes das de sala de aula; mas não deveria confundir a função de professor, seja convencional ou online, ao ponto de favorecer o esquecimento de tarefas importantes para o processo ensino-aprendizagem. Não deveria anular a importância de planejar, desenvolver, implementar e avaliar atividades de aprendizagem.

Também vale considerar que é importante acompanhar e avaliar qualquer experiência de aprendizagem/ensino, não esquecendo da testagem em desenvolvimento (Romiszowski, 2001); esta atividade é essencial à avaliação investigativa e formativa de qualquer inovação educacional. A investigação sobre o uso da Internet no momento atual de um curso, quer dizer - na sua implementação - por certo fornece elementos importantes (previstos e não previstos) para a melhoria da experiência em andamento e criação de outras que melhor atendam às novas demandas educacionais.

Pesquisa e avaliação são atividades obrigatórias em experiências envolvendo o uso das novas tecnologias de informação e comunicação. Ainda sabemos muito pouco sobre aprendizagem/ensino online e temos que aprender com o próprio uso, mas isso não significa, de qualquer jeito. Através de uma implementação inicial responsável, talvez possamos ter não um, mas vários modelos de ensino/aprendizagem online, caracterizando bem o papel das novas mídias de propiciar ao professor opções para desenvolver um trabalho criativo, agradável e eficaz, de encontro à almejada qualidade educacional.

Referências

Romiszowski. H. (2001). Testagem de Cursos Online. Mesa-redonda: Qualidade de Cursos Online: onde buscar? VIII Congresso Internacional de EAD da ABED, Brasília/DF.

Workshop Universidade Estácio de Sá/Syracuse University, Rio de Janeiro, abril/2001.

***Hermelina Pastor Romiszowski**, Diretora Técnico-Pedagógica da Tecnologia, Treinamento e Desenvolvimento de Sistemas (TTS), Coordenadora da ABED/Pólo Rio de Janeiro.